

O GIRO DECOLONIAL PARA SE PENSAR A HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS

Uma entrevista com Ricardo dos Santos Batista

THE DECOLONIAL TWIST TO THINK THE HISTORY OF SCIENCES

A interview with Ricardo dos Santos Batista

ISABELLA BONAVENTURA¹

HENRIQUE SUGAHARA FRANCISCO²

RICARDO DOS SANTOS BATISTA³

RESUMO

Ricardo dos Santos Batista é professor do Programa de Pós-graduação em História da UNEB e do Programa de Pós-graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências da UFBA. Possui mestrado e doutorado em História pela UFBA, elaborando trabalhos na área de história das doenças e das ciências. Há

¹ Doutora em História Social pelo Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade de São Paulo (PPGHS-USP). Mestre em História Social pela mesma instituição. Possui bacharelado e licenciatura em História pela USP. Bolsista CAPES-PDSE, entre 2022 e 2023, permaneceu por seis meses na Universidade de Buenos Aires. Realiza pesquisas sobre História das Ciências no Brasil, abordando trajetórias de pesquisadores brasileiros e argentinos da primeira metade do século XX. Também estuda os intercâmbios entre pesquisadores latino-americanos, com destaque para as comunicações entre laboratórios situados em São Paulo, Rio de Janeiro e Buenos Aires. Possui experiência em estudos sobre gênero e ciência, História da Profissão Farmacêutica em São Paulo e História da Odontologia em São Paulo. Autora do livro "Profissão Farmacêutica em São Paulo: prática científica, ensino e gênero (1895 - 1917)" (Editora Fiocruz, 2020). Atualmente integra o Laboratório de História das Ciências, Tecnologia e Sociedade do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (LABCITE-FFLCH /USP) e o Grupo de Pesquisa Dimensões do Regime Vargas e seus desdobramentos. E-mail: isa.bonaventura@gmail.com

² Graduado e Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Pesquisador vinculado ao Laboratório de História das Ciências, Tecnologia e Sociedade/USP. Atualmente, é pesquisador do Centro de Memória do Instituto Butantan Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil República, atuando principalmente nos seguintes temas: História da Imprensa, História da Medicina, História da Assistência e História da Saúde. E-mail: hsfrancisco@alumni.usp.br

³ Pesquisador da História Social da Saúde e das Ciências a partir de perspectiva decolonial. Estudou sífilis e eugenia na Bahia da Primeira República e, atualmente, investiga a genética e relações raciais no pós-1950. Possui graduação em História pela Universidade do Estado da Bahia, mestrado e doutorado em História pela Universidade Federal da Bahia. Realizou estágios de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde - PPGHCS/COC/Fiocruz (2017-2018, 2022-2023), e na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (2020-2022).

alguns anos, dedica-se a pensar as relações local-global na produção e circulação de conhecimentos. Debruçando-se sobre as experiências de bolsistas da Fundação Rockefeller, o pesquisador analisa os processos de resignificação e transformação que possibilitaram a realização de projetos de modernização do ensino médico no “sul global”. A partir da trajetória do entrevistado, evidencia-se a relevância de estudos que abordem a produção científica de maneira plural e conectada, contestando abordagens restritas à escala nacional ou que reforcem noções de colonialidade. Além disso, discute-se as potencialidades de acervos brasileiros e internacionais na elaboração de análises atentas à circulação de conhecimentos e pluralidade de sujeitos na produção científica.

Palavras-chave: História das Ciências no Brasil; Circulação de conhecimento; Pluralidade na ciência; Fundação Rockefeller.

ABSTRACT

Ricardo dos Santos Batista is a professor of Department of History of UNEB and UFBA. He has a master's and doctorate in History from UFBA, producing works in the area of history of diseases and sciences. For some years now, he has dedicated himself to thinking about local-global relations in the production and circulation of knowledge. Focusing on the experiences of fellows from the Rockefeller Foundation, the researcher analyzes the processes of resignification and transformation that made it possible to carry out projects to modernize medical education in the “global south”. From the interviewee's trajectory, the relevance of studies that approach scientific production in a plural and connected way is evident, contesting approaches restricted to a national scale or that reinforce notions of coloniality. Furthermore, the potential of Brazilian and international collections in the development of analyzes attentive to the circulation of knowledge and plurality of subjects in scientific production is discussed.

Keywords: History of sciences in Brazil. Knowledge circulation. Plurality in science. Rockefeller foundation.

Isabella Bonaventura [IB]: Quero começar agradecendo ao Ricardo Batista por aceitar nosso convite para essa entrevista, que compõe o dossiê temático da Revista Eletrônica História em Reflexão. Para começar, gostaríamos que você contasse sobre o seu percurso como historiador e de que maneira você se aproximou da área de História da Ciência e História da Saúde.

Ricardo dos Santos Batista [RSB]: Boa noite! Quero iniciar também agradecendo à Isabella Bonaventura e ao Henrique Sugahara Francisco pelo

convite para participar deste dossiê, por meio da entrevista. Falando um pouco da minha história, eu nasci em uma cidade do interior que se chama Capim Grosso. E fiz o curso de graduação na Universidade do Estado da Bahia, Campus 4, em Jacobina, onde iniciei a minha trajetória como estudante de História e pesquisador. Comecei estudando a sífilis em Jacobina, que é uma região marcada pela questão do garimpo, com vários ciclos do ouro. Eu estudei como, entre 1930 e 1960, se abria um novo ciclo do ouro, abordando a relação entre prostituição e sífilis, visto que o discurso médico atribuía à prostituição a transmissão da sífilis.

O que acontece é que eu fui seguindo as fontes. Naquele momento, tinha muito interesse pela questão da propaganda e cheguei até a sífilis investigando propagandas do jornal *O Lidador*, que era um jornal da região. Comecei a perceber que aquela era uma propaganda voltada para medicamentos, como o Elixir 914, Elixir Nogueira, enfim. E aí eu comecei a me aproximar da questão da sífilis e fui verificar outros documentos, como atestados de óbito. Naquele momento, o campo da história da saúde e das doenças ainda não tinha a atual projeção aqui na Bahia.

Enfim, no Rio de Janeiro e São Paulo, por exemplo, é certo que já havia um desenvolvimento em relação a isso. Nós tínhamos muitas dissertações e teses escritas, por abrigarmos a primeira Escola de Medicina do Brasil, a Faculdade de Medicina da Bahia. Muitos trabalhos que discutiam a história da medicina, mas não se viam como parte do campo de história da saúde ou de história das ciências. Comecei essa aproximação com o campo ainda na graduação com dificuldades, porque a gente não tinha na biblioteca livros específicos sobre isso, a internet ali no início dos anos 2000 ainda não era democratizada, como hoje ela é.

Continuei estudando a sífilis no Mestrado, por volta de 2010. Na época, eu frequentava muitos simpósios. Sempre fui a muitos eventos. Estive com a professora Dilene Raimundo do Nascimento da Fundação Oswaldo Cruz, em vários simpósios organizados por ela, apresentando trabalho com outras pessoas. Naquele momento, a professora Christiane Maria Cruz de Souza, atualmente aposentada do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia

da Bahia, também estava defendendo a tese dela, que é uma referência importante para os estudos de história da saúde aqui na Bahia, e que depois passou a cooptar outros indivíduos para o campo (SOUZA, 2009).

Foi no doutorado que tive um alinhamento mais intenso com o campo da história das políticas de saúde. Eu deixei de estudar Jacobina e fui pesquisar a constituição das primeiras políticas sanitárias na Bahia, a partir de 1920, com a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública. Ali eu incorporei ainda mais o diálogo especializado com o campo. Estudei como a Bahia fez um acordo com o Departamento Nacional de Saúde Pública, respeitando o regime federativo, e desenvolveu atividades no campo do saneamento, da higiene infantil, da tuberculose e da sífilis. Eu investiguei a sífilis em Salvador e também no interior da Bahia, como isso se deu.

Quando terminei o doutorado, resolvi fazer um pós-doutorado porque o Secretário de Saúde e Assistência Pública da Bahia no período em que eu analisei, Antônio Luis Cavalcanti de Albuquerque de Barros Barreto, me intrigava e eu não tinha muitas informações sobre ele. Naquele momento, descobri que ele era um bolsista da Fundação Rockefeller. E quando eu ingressei nos estudos sobre a Fundação Rockefeller, para compreender a sua trajetória, é que de fato fiz um trânsito e enveredei para o campo da história das ciências, já que eu vinha da história das doenças, da história da saúde. A partir da Fundação Rockefeller é que dei continuidade aos estudos sobre o Laboratório da Febre Amarela, criado pela Fundação na Bahia.

No momento inicial, eu estudava a ação da Fundação Rockefeller na primeira metade do século XX, com a *International Health Division*, que tinha uma influência e atuação muito grande na saúde. Depois, passei a me interessar pela segunda metade do século XX. Desde os anos 1930 há uma mudança, um interesse pela biologia experimental, a questão da bomba atômica, que também desperta a atenção de vários países, e acaba se tornando um objeto de interesse.

Atualmente, eu estou estudando a segunda metade do século XX. Estou fazendo um trabalho sobre história da genética, estudando a criação do Laboratório de

Genética do Hospital das Clínicas, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), que foi financiado pela Rockefeller. Também investigo a modernização do ensino médico e o Instituto Biológico da Bahia, porque a Rockefeller também apoiou institutos biológicos em todo o país. Essa é um pouco da minha trajetória, que foi, na realidade, se transformando a partir dos meus interesses de estudo, ao longo do tempo.

IB: Que bacana, Ricardo! Trazendo um pouco da sua carreira para a nossa conversa, você percebe um aumento de estudos interessados em pensar a ciência de forma mais plural? Você percebe essa tendência, esse interesse? E, se sim, quais abordagens você observa e considera interessantes para o debate contemporâneo?

RSB: Olha, considero que, nos últimos anos, houve uma proliferação dos estudos de história das ciências e, junto com esse movimento, a gente tem uma diversidade de temas, de interesses. Essa pluralidade é evidente. Em relação às tendências que eu penso serem interessantes para o debate contemporâneo, acho que a gente produz história a partir dos nossos interesses do presente. Isso é inevitável; já disse o Marc Bloch. Mas, por exemplo, a gente está vivendo um momento em que é muito significativa, como área de efervescência, a questão ambiental.

Estamos vivendo num momento em que São Paulo está pegando fogo. Metade do Brasil está pegando fogo. A questão climática tem impactado muito a nossa vida. E aí a historiografia tem ido nesse movimento, especialmente com as contribuições, por exemplo, do Bruno Latour, com a proposta da Teoria Ator Rede. Eu vejo que têm surgido temas muito interessantes, como a discussão sobre Antropoceno, sobre História dos Animais, que hoje é liderada no Brasil pela professora Regina Horta, da UFMG, e tem muitos outros pesquisadores que também fazem. Acho que a escolha dos temas de pesquisa está em conexão com o tempo presente. Algo que tenho percebido como muito potencial: o retorno de temas que já eram clássicos na historiografia e que são relidos, que são apresentados sobre uma nova ótica.

Acho que esse é, digamos, o grande movimento, e o que tem se proliferado, como as trajetórias de indivíduos, o estudo das profissões científicas, de técnicos científicos, analisados sob uma nova leitura. Há um crescimento da história global. O professor Marcos Cueto, da Fundação Oswaldo Cruz, disse em entrevista que concedeu a mim e a Paloma Porto para dossiê sobre a Rockefeller, na *Revista História: Debates e Tendências*, que precisamos investigar melhor a relação entre a história global e a história da saúde global (CUETO; PORTO; BATISTA, 2021). Esse movimento tem seguido especialmente pela aproximação com perspectivas decoloniais ou pós-coloniais. Nós vivemos um momento de revisão, ou de reinterpretação, dessa ciência, a partir de uma tentativa de fragmentação do olhar imperial, que é o olhar colonizador. Acho que esse giro tem sido fundamental para repensar a ciência nos países que a gente chama atualmente de “do sul global”, antes denominados subdesenvolvidos ou de periferia.

O professor Marcos Cueto (1994) exemplifica muito bem essa transição em suas obras sobre a Fundação Rockefeller. Havia uma história muito estruturalista e ele diz que a Rockefeller era interpretada como um braço do imperialismo norte-americano. Depois, a gente começa, na década de 1990, a repensar o peso que é dado para essa instituição e se questiona sobre o outro lado, aquele que recebe o benefício da filantropia internacional.

Então, começou-se a trabalhar com a ideia de centro e periferia, mas isso ainda não conseguiu romper com o grande peso que era dado à Rockefeller como agência filantrópica. E agora a gente está trabalhando – e eu tenho trabalhado nessa perspectiva – a partir da ideia de circulação ou de outras interpretações que tentam evidenciar o protagonismo da ciência nesses países que foram tidos como periféricos. Eu acho que, de forma mais ampla, a grande tendência dos estudos da história das ciências nesse momento são as análises que refutam o estruturalismo e que rompem com explicações esquemáticas em diversos campos da história das ciências, pensando os objetos de uma forma mais complexa.

IB: Pegando o gancho, justamente, da questão da circulação, recentemente você organizou um livro em parceria com a Paloma Porto e o Gabriel Lopes, intitulado “Conhecimento Científico em Movimento” (2023). Nessa obra, o conceito de circulação de conhecimentos e de saberes, tal qual elaborado por Kapil Raj, foi fundamental às análises de vocês, das convidadas e dos convidados que elaboraram capítulos. Frente a isso, queria que você expusesse como avalia esse esforço de pensar coletivamente a circulação de conhecimento fora dos centros europeus e norte-americanos.

RSB: Bem, o livro foi produzido, como você diz, pensando o conceito de circulação como elemento central. Nós convidamos pesquisadores que escreveram a partir de três eixos: as ciências biomédicas, ciências naturais e ciências sociais. Pensar a produção e a circulação do conhecimento fora da Europa e mesmo dos Estados Unidos auxilia na quebra de uma série de estereótipos que foram produzidos sobre os países colonizados.

Ao longo de toda a minha trajetória, pelo menos até o doutorado, eu sempre ouvia coisas que me incomodavam muito, como a ideia de que as teses da Faculdade de Medicina da Bahia são cópias do conhecimento europeu, notadamente do conhecimento francês.

Eu ouvi muitas pessoas dizendo “eles só faziam uma cópia, só transcreviam!”. Inclusive, já fui criticado ou questionado por que estava utilizando esse tipo de fonte. Então o esforço que vem sendo feito na história das ciências para pensar a produção de conhecimentos fora dos eixos europeu e norte-americano tem ajudado a quebrar com esses estereótipos, permitindo olhar as fontes com maior cuidado.

De forma geral, busca-se fraturar essa matriz epistêmica colonial, explorando os processos de mediação, de comunicação, as zonas de contato, de conflito, já que, inclusive para Kapil Raj, a circulação não é uma mera circulação, movimento: ela é marcada por tensões. Também há outros autores que têm sido utilizados, como Mary Louise Pratt e John Krige. Refletir sobre as ciências a partir dessa chave na qual estamos nos debruçando demarca um posicionamento, que é um posicionamento acadêmico-político.

A decolonialidade nos ensina, a partir de autores como Aníbal Quijano (1992), que os países colonizados, como o Brasil, sofreram um duplo processo: o de colonialismo e o de colonialidade. O colonialismo é a presença do colonizador aqui. Então, nos livramos disso, porque o colonizador foi embora. Já a colonialidade é um padrão de pensamento que persiste no lugar que foi colonizado, mesmo quando o colonizador não está mais aqui. Então, a colonialidade é um padrão permanente no nosso pensamento. O esforço que estamos fazendo vai justamente para fraturar esse pensamento desde dentro e construir outras narrativas possíveis, com um olhar mais apurado tanto sobre as fontes como sobre os agentes locais ou os agentes intermediários. Eles são a grande chave; são indivíduos que atuam nessas fronteiras. Esse olhar nos permite perceber uma outra história que ainda não foi contada, ou que vem sendo contada nesse momento.

IB: Sobre pensar o conhecimento em circulação, queríamos que você falasse um pouco da sua experiência no manejo de acervos internacionais, com destaque para aquele presente na Fundação Rockefeller. Gostaria que você contasse um pouco da sua vivência como latino-americano, como você se percebeu ali. Também como você vislumbra possibilidades de pesquisa para demonstrar as nossas particularidades em relação ao norte global, pensando não só nos objetos, mas também em um aspecto metodológico próprio.

RSB: Eu posso dizer que a pesquisa no *Rockefeller Archive Center* é a melhor experiência de arquivo que eu já experimentei ao longo da minha trajetória de historiador. Primeiro, porque eles possuem uma organização exemplar. O pesquisador pode estar em qualquer parte do mundo e tem ali todas as orientações necessárias para poder chegar até o arquivo. Você tem um site que detalha, por exemplo, todo o processo para se chegar até lá. Muitos pesquisadores não ficam em *Tarrytown*. Eles preferem ficar em *Manhattan* e pegam trem todos os dias. Esse trem tem um horário exato que nós pesquisadores devemos pegar. O *Rockefeller Archive Center* fica numa casa de campo da família Rockefeller.

Quando nós chegamos na estação de trem em *Tarrytown*, tem um carro nos esperando para levar até o arquivo. O sistema do arquivo tem toda a



documentação catalogada. É de fácil manejo, embora em todo arquivo têm coisas que você só vai descobrir lá, ao consultar a documentação.

É uma experiência de imersão profunda, porque a gente começa a pesquisar às 9h30min e vai até as 17 horas, quando o carro nos leva de volta para a estação de trem. É um arquivo que tem uma área de convivência de pesquisadores. A pausa que nós fazemos é para um almoço rápido e voltamos ali para essa imersão profunda de pesquisa. O arquivo possui uma gama muito variada de documentos. É preciso destacar que a Fundação Rockefeller documentou muito bem a sua história. Ela guardou esses documentos que são importantes para a reconstituição dessa história.

Eu já estive lá três vezes. A primeira vez foi pesquisando os bolsistas da primeira metade do século XX. Comecei a estudar o início do programa de bolsas para entender o Antônio Luis Cavalcanti de Albuquerque de Barros Barreto e seus contemporâneos. No arquivo da Fundação Rockefeller, há correspondências e os cartões dos bolsistas, um tipo de fonte que contém o acompanhamento dos indivíduos que receberam bolsas dessa entidade. E a Fundação acompanhou os bolsistas até muitos anos depois. Os registros não se restringem apenas às informações do período em que essas pessoas estiveram no exterior. Há documentos sobre todos os projetos apoiados pela Fundação Rockefeller, como os relativos aos laboratórios por ela criados.

A partir da década de 1940, há dossiês específicos dos bolsistas da Fundação Rockefeller, porque antes a correspondência estava espaçada. Nas décadas de 1930 e 1940, a Fundação já compilava as fontes em dossiês, o que é importante e facilita a vida do pesquisador porque você já vai encontrar no dossiê, talvez, tudo aquilo que de você precisa. Há os Boletins dos Trustees, que têm informações de acesso mais restrito e não circulam na documentação mais ampla, na fala dos outros indivíduos. Há documentos sobre as escolas de medicina e todas as instituições que foram apoiadas pela Fundação Rockefeller.

E também os diários dos homens da Rockefeller, como o Robert Watson, que atuou no Brasil. Ele documentava diariamente as coisas que fazia, as visões dele sobre os projetos da Rockefeller. Então, os diários são também uma fonte muito

importante. Todos os homens da Rockefeller possuem diários, como Harry Miller e o mencionado Robert Watson.

O que eu queria destacar, dentro desse processo de pesquisa, é a importância do diálogo com as arquivistas. Elas conhecem muito bem o acervo, conseguem apontar outras fontes sobre os indivíduos citados na documentação que você está analisando. Queria destacar, inclusive, a arquivista chamada Bethany Antos, que tem sido uma grande colaboradora para mim e para vários outros pesquisadores da Fundação Rockefeller, tanto nas minhas consultas presenciais ao arquivo quanto em outros momentos, quando estou no Brasil.

Aqui do Brasil, as pessoas que, por exemplo, não vão até o arquivo, podem comprar documentos. Ela vai lá, consulta o que tem na caixa, diz o que pode interessar, o que vale a pena você comprar. É uma pessoa que tem um espírito de colaboração e eu queria deixar isso registrado. Durante a pandemia, houve a digitalização de todos os cartões de bolsistas, que ficaram de livre acesso, porque o *Rockefeller Archive Center* sabe que esse é um documento muito consultado.

Em relação à minha experiência como latino-americano, posso dizer que naquele arquivo eu me sinto integrado em uma rede de pesquisa global, que valoriza nosso trabalho e oferece as ferramentas e condições necessárias. O transporte entre a estação de trem e o arquivo tem sido um lugar em que nós, pesquisadores latino-americanos, africanos, asiáticos, europeus, estamos ali em diálogo, trocando experiências, falando sobre as nossas pesquisas, e isso enriquece a nossa perspectiva de historiador.

Em relação a como eu vislumbro as possibilidades de pesquisa que mostram as nossas particularidades em relação ao norte global, acredito que o caminho é uma pesquisa de reflexão, que articule local e global. A forma como a gente aprendeu a fazer história é muito específica. Muitas vezes o nacionalismo metodológico, a construção da história a partir da nação, nos impõe a fazer uma história que é essencialmente local. Às vezes também você lê trabalhos sem nenhuma articulação com o nacional, no máximo se articulando com o regional. Quando nós trabalhamos com fontes locais e fontes internacionais, por exemplo,

e quando colocamos nossas fontes e nossos resultados frente aos processos globais, conseguimos perceber melhor as nossas especificidades. Eu entendo que é possível pensar novas formas de produção, a elaboração de novas abordagens de pesquisa e de metodologias próprias, produzidas a partir das fontes.

As fontes são o elemento central. Os aportes teóricos são importantes para refletir sobre os nossos objetos de pesquisa, mas muitas pessoas dão uma atenção maior ao aporte teórico do que ao que as fontes trazem para a gente. O historiador social inglês Edward Palmer Thompson fala muito sobre isso: “se o modelo não te serve, você joga fora”. Acho que esse é o primeiro passo para a construção de ferramentas metodológicas e de novos conceitos porque, às vezes, vemos a pessoa querendo empurrar o seu objeto naquela teoria porque é a teoria que está em evidência, ou mesmo, por questões institucionais, são vários os motivos. Eu tenho um apego muito grande às fontes. Tem um historiador e mestre querido, Antonio Luigi Negro, professor da Universidade Federal da Bahia, com quem tive a honra de estudar, fazer disciplinas no mestrado e no doutorado. Ele tem uma frase com a qual abria a discussão sobre metodologia: “É na fonte que se bebe! A bibliografia só dá sede!”. Essas são palavras sábias que podem nos ajudar nesse processo, principalmente quando a nossa documentação está gritando outra coisa, está indo contra a teoria, inclusive. Então, precisamos estar atentos e fazer novas formulações.

Henrique Sugahara Francisco [HSF]: Ainda sobre a sua pesquisa no acervo da Fundação Rockefeller, e retomando essa renovação de perspectiva que abandona o olhar estruturalista. Você vem se dedicando a analisar as atividades da Fundação na modernização do ensino médico na América Latina. A gente queria saber como você caracteriza esse processo de modernização e como você observa a atividade dos latino-americanos neste momento.

RSB: Minha aproximação com esse tema da modernização veio a partir de diálogos com a professora Paloma Porto, que é minha companheira de trabalho já há alguns anos. Nós desenvolvemos uma pesquisa juntos no *Rockefeller Archive Center* em 2019. A partir daí, fui convidado para integrar um projeto como pesquisador colaborador de uma equipe liderada pela professora [Maria]

Gabriela Marinho [da Universidade Federal do ABC], e recentemente publicamos o primeiro texto como resultado desse projeto, tratando da criação da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo (MARINHO *et al.*, 2024).

Trabalhando com essas fontes, encontrei ligações importantes entre a Escola de Medicina de Cali, na Colômbia, e algumas escolas de medicina brasileiras, como a Escola Paulista de Medicina e a Faculdade de Medicina da Bahia. Esse é o objeto no qual estou trabalhando no momento, em estágio de pós-doutorado na Casa de Oswaldo Cruz, com a supervisão do professor Marcos Cueto. O que posso observar a partir do que eu já estudei sobre esse tema, e a partir das fontes, é que essa modernização se constitui como um discurso imperativo, muitas vezes como um processo estrutural, como algo que aconteceu e vem de cima para baixo, especialmente a partir das interpretações do ponto 4 do discurso do presidente Harry Truman, em 1949, que propôs uma cooperação entre os Estados Unidos e os países chamados subdesenvolvidos.

A análise das fontes tem me mostrado a existência de muitas disparidades nesse processo de modernização, ocorrendo de forma diferente nos distintos lugares. Percebo que havia negociações, deslizos, que podem ser observados justamente nos indivíduos mediadores, nos homens de campo da Fundação Rockefeller e nos agentes locais, pelos quais esse projeto de modernização tentou se instituir. Isso já vem sendo colocado por outros historiadores. O Steven Palmer (2015), quando analisa o programa piloto da Rockefeller, está interessado nesses indivíduos. E eu trago esse tema para o campo da modernização do ensino médico.

A Fundação Rockefeller, embora algumas pessoas não interpretem dessa forma, não seguia sempre a orientação do governo norte-americano. Tem uma dica importante que podemos seguir: o texto da Sueli Costa e da Lina Faria (2006) sobre os modelos de cooperação com as agências internacionais. Elas dizem que as mudanças de orientação nessas agências internacionais parecem, muitas vezes, se relacionar à presença ou não de familiares dos clãs dessas agências filantrópicas.

Este processo de modernização do ensino médico está muito ligado à questão do comunismo, ao contexto de Guerra Fria. Mesmo com as diretrizes internas da Fundação Rockefeller repudiando o comunismo, posso afirmar com convicção que isso dependia do “comunista”. Eu falo comunista entre aspas aqui. Se o “comunista” fosse colocar em prática aquilo que a Fundação Rockefeller queria executar, ela fechava os olhos. É o caso que a gente vê com o Zeferino Vaz, que criou a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Ele é um exemplo de como a modernização ocorreu de forma diferenciada nos contextos onde foi proposta.

O Zeferino Vaz é uma figura controversa. Quando ele estava prestes a fundar a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, o cônsul dos Estados Unidos o classificava como um comunista. Sabemos que depois, na Ditadura Militar, o Zeferino Vaz persegue alguns comunistas e protege outros. Ele diz: “Com meus comunistas ninguém mexe!”. Entretanto, quando atuou para criar a Escola de Ribeirão, ele foi classificado como comunista.

Frente a esse cenário, o que o *staff* da Fundação Rockefeller faz? Encontra todas as explicações possíveis e imagináveis para dizer que Zeferino Vaz não era comunista, que era um equívoco. Então, veja, os membros do *staff* da Fundação Rockefeller estão indo contra o cônsul dos Estados Unidos, dizendo que não é assim, que ele é uma pessoa boa, articulada.

A documentação deixa isso muito explícito. A Fundação queria que a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto se tornasse uma Johns Hopkins da América Latina. A Johns Hopkins foi a primeira instituição financiada pela Rockefeller, tornando-se o grande modelo, queria-se criar a Johns Hopkins em vários lugares. Se você consultar a bibliografia sobre a China, está lá: “Queremos criar a Johns Hopkins da China”.

No caso da América Latina, como disse anteriormente, o cônsul estadunidense identificou que a pessoa a quem tinha sido atribuída a proposta de criação de uma Johns Hopkins – Zeferino Vaz – provavelmente era comunista. Entretanto, a Fundação Rockefeller fechou os olhos para isso. Algo similar acontece, por exemplo, com outros indivíduos que estudei recentemente, como a família Tito de Moraes. Essa família atuou na República Portuguesa e, com a chegada do

Salazarismo, acaba tendo rumos diferentes. Um exemplo é a Maria Palmeira Tito de Moraes, uma das três primeiras enfermeiras de Portugal financiadas para estudar no exterior. Ela foi para os Estados Unidos e para o Canadá, que é o lugar da enfermagem; mas, quando ela volta, o salazarismo está instituído e ela acaba tendo que se exilar.

Nesse momento, a Maria Palmeira é contratada pela Organização Mundial da Saúde. A Fundação Rockefeller tenta lhe conceder uma bolsa, buscando cooptá-la e, também, tentando apagar a ideia de que essa mulher seria comunista. Algo similar ocorreu com seu irmão, Augusto Tito de Moraes, que nasceu em Lourenço Marques (atual Maputo) e também se envolveu com os republicanos. Augusto recebeu uma bolsa da Rockefeller, e o já citado Robert Watson insistiu que ele seguisse para o Brasil, dizendo que iria aloca-lo em Ribeirão Preto ou em Belo Horizonte.

Porém, Augusto acaba sendo acusado de ser comunista porque o irmão, Manuel Alfredo Tito de Moraes, participava da luta de libertação dos países africanos. Por conta disso, o governo brasileiro não fez um movimento para trazê-lo. O Robert Watson, por sua vez, sabia que Augusto era comunista e mesmo assim fez o convite. O mesmo Robert Watson que perseguiu o Samuel Pessoa, como demonstraram os professores Gilberto Hochman e Carlos de Assunção Paiva (2020), numa investida contra os parasitologistas, passou a mão na cabeça do Tito de Moraes.

Tanto nesses exemplos como no processo de modernização, são esses aspectos que me interessam: os momentos de deslize nos quais as normas que são “bem colocadas” são jogadas para cima, relativizadas. Acredito que a agenda da modernização do ensino médico ainda precisa ser mais explorada, para que sejam compreendidos os matizes locais. Os resultados de pesquisas sobre diferentes lugares ainda podem nos surpreender.

Um exemplo do que estou estudando agora, e vou só interrogar (quero deixar a questão aqui), envolve as Faculdades de Medicina da Colômbia, nas quais foram realizados alguns *surveys*. Na documentação da Rockefeller, aponta-se que as faculdades estavam impregnadas de comunistas e que não era possível firmar

um acordo para a modernização do ensino médico naquele país. Em determinado momento, a Rockefeller decide que vai investir na Faculdade de Cali, que se torna um grande eixo de recepção de intercâmbio. Havia pesquisadores de escolas de medicina na África indo fazer intercâmbio em Cali. Então, o que teria mudado para que Cali pudesse entrar no *hall* da modernização? Será que o comunismo acabou tão rapidamente?

HSF: Ao falar sobre a Rockefeller, você comentou um pouco sobre a diversificação das profissões científicas e da saúde. Recentemente, você também se dedicou à análise da institucionalização da enfermagem no Brasil, abordando, entre outros aspectos, os intercâmbios internacionais nesse processo. A gente gostaria que explicitasse as potencialidades do estudo de outras profissões além da carreira médica na compreensão da relação local-global na história da saúde.

RSB: Certo. Eu me iniciei nas investigações sobre as profissões de saúde a partir dos médicos.

Então, em diálogo com o professor Luiz Otávio Ferreira, da Fundação Oswaldo Cruz, que tem sido também um grande parceiro, acabamos montando um projeto. Ele me convidou para estudar um grupo de enfermeiras baianas da Escola Anna Nery, do Rio de Janeiro (financiada pela Fundação Rockefeller), para escrevermos um artigo sobre isso. Quando percebi que muitas enfermeiras passaram pela Fundação Rockefeller, comecei a coletar a documentação a respeito disso. Eu e o professor Luiz Otavio elaboramos um projeto, contemplado no Edital Universal do CNPq de 2021, para estudar a trajetória de uma enfermeira específica – a Haydée Guanais Dourado – e o processo da institucionalização da enfermagem no Brasil. A partir daí outras profissionais apareceram. A Haydée é um caso excepcional, pois ela foi para os Estados Unidos sem o auxílio da Fundação Rockefeller para tentar conseguir uma bolsa nesse país. A força de vontade dela para conseguir essa bolsa é muito interessante.

Esse alargamento do olhar para as bolsistas mulheres trouxe algo que estava no início da minha formação: a discussão de gênero, pois em pesquisas anteriores

esperavam que ele se tornasse. Outras enfermeiras retornam e, quando chegam aqui, se casam e abandonam a profissão.

Por outro lado, você tem os indivíduos que levam adiante, porque a Fundação Rockefeller trabalhava com essa ideia de plantar sementes iniciais. Você vai lá, aprende e volta para replicar o modelo. E o que a gente percebe é que esse retorno não ocorre sem criatividade, sem elementos de outras experiências que os indivíduos adquiriram.

Eles não vão reproduzir *ipsis litteris* o modelo norte-americano. Basta olhar para as fontes, combinar as fontes locais e internacionais, vocês verão que o que acontece são modelos apresentados como rígidos, mas que são reelaborados, reestruturados a partir de cada contexto... os indivíduos têm agência e autonomia. Então, os bolsistas não replicam simplesmente aquilo que aprenderam no exterior. Os interesses pessoais são significativos nisso, interesses pessoais que articulam políticas e acordos políticos. Tudo isso está dentro dos processos de negociação.

HSF: Agora, sem perder de vista as conexões transnacionais e internacionais, queríamos voltar para a dimensão local, tratando de temas que você mencionou no início da entrevista, como a interiorização da assistência à saúde no estado da Bahia, notadamente entre as décadas de 1920 e 1940. Nesses trabalhos, você aborda as adaptações das políticas de assistência diante das especificidades locais e dos tensionamentos existentes neste processo.

Então, queríamos que você expusesse como o estudo dessas singularidades locais contribui para ampliar a compreensão dos projetos nacionais de saúde na Primeira República e na Era Vargas.

RSB: A interiorização da assistência surgiu como possibilidade após a escrita do último capítulo da minha tese, que se debruça sobre a atuação dos médicos nos postos no interior da Bahia (BATISTA, 2015). A partir dessa análise, é possível perceber as dificuldades encontradas pelos agentes de saneamento. O acordo firmado com a Bahia era um acordo de cooperação com o Governo Federal para sífilis, doenças venéreas, saneamento rural, tuberculose e higiene infantil.

A respeito da Primeira República, eu acabei me debruçando sobre o saneamento rural e sobre como esses postos de saneamento foram construídos no interior. Essa percepção ajuda a modificar a compreensão sobre como a saúde vinha sendo desenvolvida pelos projetos nacionais no interior. Quando falamos sobre medidas de saneamento, ficamos com a impressão de que foram os médicos do Sul, do Sudeste, que realizaram esse processo por meio do movimento sanitaria, seguindo para outras regiões, como o Norte e Nordeste.

Em que pese a orientação técnica oferecida, no caso da Bahia, pelo Governo Federal, quando a gente vê as imagens, as fotografias dos trabalhadores dos postos, constata-se que quem estava fazendo o processo de saneamento, em grande medida, eram os sertanejos, descritos pelo movimento sanitaria como degenerados. Em um texto que publiquei com um orientando sobre o Posto de São Félix, mencionamos como, a partir das imagens, você percebe nitidamente que são os sertanejos que estão aplicando injeção, visitando as casas da população baiana. Eles estão ali, junto com o médico, mostrando o ancilóstomo para a população que visita o Posto. Essa constatação, por exemplo, complexifica a análise das características locais e da sua relação com os projetos nacionais (SILVA, BATISTA, 2023).

Eu penso que é necessário estudar isso com maior cuidado em cada região para que a gente tenha um quadro mais amplo de como isso se constituiu. Ao mesmo tempo, a articulação dessa interiorização com o processo de internacionalização também é fundamental, porque, após a década de 1920, temos uma interiorização articulada com a presença da Fundação Rockefeller no Brasil. Quando tratamos da Era Vargas, também há uma interiorização junto com a internacionalização, a partir do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP). Essa agência bilateral atuou em algumas regiões do Brasil no aprofundamento das políticas que começaram a se constituir na Primeira República, como mostrou o professor Gilberto Hochman (1998). Cristina Fonseca (2007) também abordou o aprofundamento dessas políticas durante o governo de Vargas.

No período Vargas, realiza-se uma expansão da interiorização da assistência à saúde no Brasil. A sífilis, por exemplo, deixa de ser prioritária nas políticas sanitárias. O Sérgio Carrara (1996) mostra que têm outras doenças que

passaram a figurar como como doenças de destaque. O estudo sobre como as doenças foram tratadas em diferentes lugares do Brasil ajuda a transformar ideias que temos sobre o processo de interiorização. Por exemplo, uma doença que não estava entre essas prioritárias, como o tracoma, ajuda a perceber isso, pois tivemos a criação de postos de tracoma no interior, como parte desse processo de interiorização da assistência. Estudar essas doenças, em diferentes lugares do Brasil, ajuda a pensar como os postos especializados foram criados, como eles se articulavam com outras instituições de saúde.

No caso da Bahia, eu defendo a ideia de que havia um tripé: primeiro, as viagens comissionadas pelo governo do Estado para debelar epidemias, especialmente em lugares em que não havia instituições; segundo, os postos sanitários; e terceiro, as Santas Casas de Misericórdia. Muitas vezes, os postos sanitários foram instalados em cidades onde já havia Santa Casa, formando uma cooperação entre essas instituições no processo de assistência. Tem um livro organizado pelo professor Luiz Otávio Ferreira e outros pesquisadores que trata especificamente sobre esse tema, em diferentes momentos da história do Brasil, e queria deixar como recomendação para quem tiver interesse: “A Interiorização da Assistência à Saúde: um estudo sobre a expansão e a diversificação da assistência à saúde no Brasil (1850-1945)” (FERREIRA et al., 2019).

HSF: Para continuarmos na dimensão local e fazermos uma comparação, queríamos tratar das condições locais na tarefa de pesquisa histórica. Queríamos que você falasse sobre as suas experiências nos arquivos do estado na Bahia, especialmente quanto à potencialidade desses acervos para estudos envolvendo a pluralidade de agentes e instituições na história das ciências e da saúde.

RSB: Aqui na Bahia temos algumas instituições de pesquisa que são importantes para compreender essa pluralidade. A primeira é a Faculdade de Medicina da Bahia, que tem dois acervos. O primeiro está na secretaria da Faculdade e possui os históricos profissionais de professores, de estudantes, fichas de estudantes e as atas da congregação da Faculdade de Medicina. É um acervo que está muito bem organizado. O segundo, que funciona ao lado da secretaria, é a Biblioteca Gonçalo Muniz.

Esta biblioteca possui um acervo imenso. Há teses de doutoramento, teses de concurso, livros, teses de outras instituições e periódicos médicos, entre eles a *Gazeta Médica da Bahia*, que inclusive está digitalizada e de acesso aberto para qualquer pessoa do mundo que queira consultar.

Por meio desses acervos da Faculdade de Medicina, é possível refletir sobre a trajetória de indivíduos, o pensamento médico desde o século XIX, as doenças mais diversas e, também, a respeito da constituição do campo científico, das especialidades médicas, a partir da reforma e do ensino médico que se iniciou em 1879.

Outro espaço é o Arquivo Público do Estado da Bahia, em que é possível levantar uma documentação farta produzida pelo governo estadual, especialmente sobre as políticas públicas e como elas foram instituídas. É possível encontrar relatórios médicos e relatórios de Secretários de Estado da Saúde, fontes muito importantes, pois o médico que atuava no interior da Bahia fazia um relatório sobre o Serviço de Saneamento Rural. Essa documentação era entregue ao Secretário de Saúde, que fazia uma síntese reunindo todos os demais setores da Pasta. Em seguida, essa síntese era encaminhada ao governador, que também fazia um resumo e o enviava ao Presidente. Esse resumo também compunha a fala anual dos governadores.

Cada uma destas fontes tem um nível de profundidade diferente na descrição da realidade observada, e todos esses documentos estão disponíveis no Arquivo Público do Estado da Bahia. Em Salvador, há instituições filantrópicas importantes, como a Santa Casa de Misericórdia. Então, o Acervo da Pupileira (situado na própria Santa Casa) é muito rico para se pensar os indivíduos envolvidos na área da saúde em sua pluralidade e, também, como eles lidaram com determinadas doenças.

Quando se trata de cidades do interior, mudam as possibilidades de encontrar acervos tão organizados. A legislação diz que com vinte anos um hospital pode descartar a sua documentação. Então, muitas instituições de saúde a descartam. Isso não significa que não seja possível fazer pesquisa a partir de fontes do interior. Uma orientanda encontrou o acervo de um hospital inteiro organizado

por iniciativa da funcionária que, embora sem formação como arquivista ou historiadora, catalogou as fontes de acordo com o ano. Então, é uma questão daquilo que o tempo possibilitou que chegasse até nós.

No interior, a imprensa é um grande instrumento para se chegar à história da saúde e das ciências. Muitas cidades tinham jornais, e muitos deles foram conservados. Os arquivos municipais de muitas cidades na Bahia não estão organizados, mas procurando conseguimos encontrar material. Quero destacar que a presença da Universidade Pública, especialmente da Universidade do Estado da Bahia, que possui vários campus espalhados pelo estado, tem garantido o acesso às fontes. Nos lugares onde há cursos de História, encontram-se centros de documentação, onde os professores coletam uma gama variada de documentos e os disponibilizam para consulta pública, o que também nos ajuda no processo de pesquisa. Ainda tem muito para ser construído sobre a história das ciências e da saúde no Brasil e nas cidades do interior do Brasil.

HSF: Durante a entrevista, você destacou a relevância de evidenciar as fontes, da circulação de saberes e de evitar uma visão estruturalista das relações internacionais. Você citou como, durante suas primeiras pesquisas, na graduação e no mestrado, havia pouca produção sobre o tema das ciências e da saúde na Bahia, e mais publicações voltadas aos casos de São Paulo e do Rio de Janeiro. Gostaríamos de saber como foi o processo de, ao estudar a Bahia, não cair na tentação de fazer um trabalho que se restringisse à comparação com o Sudeste, estabelecendo uma relação de espelho ou negativo e, conseqüentemente, deixando de se atentar às especificidades.

RSB: No começo das pesquisas realizadas na graduação e no mestrado, inevitavelmente, realizei comparações com São Paulo e com o Rio de Janeiro. Essa era a bibliografia que a gente discutia. Precisamos acessar e dialogar com essa bibliografia. Isso é uma coisa muito tranquila, mas o fato de ser um pesquisador que está no Nordeste me levou a atentar às particularidades do Nordeste.

Embora eu tenha travado um diálogo com a bibliografia existente, o que fazemos em toda e qualquer pesquisa, o fato de ser um pesquisador do Nordeste contribuiu para que eu não caísse na armadilha de ficar pensando essa coisa como um espelho. Há similaridades, mas há muitas divergências, elementos que são específicos do contexto e que a gente pode encontrar também em outros estados.

Em decorrência do Pós-doutorado que fiz com o professor André Mota na Faculdade de Medicina da USP, escrevemos um texto que saiu no livro *Narrativas históricas de saúde e das doenças*, organizado pela Sônia Magalhães e demais pesquisadoras(es) (BATISTA; MOTA, 2023). Nesse trabalho, comparamos os centros de saúde de São Paulo e da Bahia e percebemos, justamente, os caminhos distintos percorridos pelos Centros de Saúde que se inseriram no modelo norte-americano, apoiado pela Rockefeller. Nesse mesmo sentido, o trabalho da professora Ana Paula Korndörfer, ao estudar as atividades da Fundação no Rio Grande do Sul, mostra outros direcionamentos.

Aqui na Bahia, as Delegacias de Saúde foram transformadas em Centros de Saúde. Já em outros lugares, esse tipo de passagem não ocorreu: os Centros de Saúde foram diretamente criados. A estrutura física existente também se alterava dependendo da localidade. São muitos aspectos diferentes dentro de um mesmo “modelo”. Então, exercitar olhar para a diversidade, as similitudes e as diferenças é algo que sempre trago em minha trajetória.

IB: Quero registrar nosso agradecimento final ao Ricardo. Foi um prazer esta conversa e considero que será muito interessante para as leitoras e os leitores da Revista Eletrônica História em Reflexão.

Referências Bibliográficas

BATISTA, Ricardo dos Santos; FERREIRA, Luiz Otávio. Como se tornar um bolsista da Fundação Rockefeller: trajetórias de médicos do Instituto Oswaldo Cruz em formação na Universidade Johns Hopkins (1919 - 1924). **Topoi (online): Revista de História**, v. 22, p. 450-473, 2021.

BATISTA, Ricardo dos Santos; MOTA, André. Centros de saúde em São Paulo e na Bahia (1925-1948): instituições similares, diferentes trajetórias. In:

Narrativas históricas de saúde e das doenças. Goiânia: Cegraf UFG, 2023, p. 253-288.

BATISTA, Ricardo dos Santos; PORTO, Paloma; LOPES, Gabriel (orgs.). **Conhecimento Científico em Movimento: circulação, intercâmbios e zonas de contato.** São Paulo: Hucitec, 2023, p. 241.

CARRARA, Sérgio. **Tributo a vênus: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1996, p. 237.

CUETO, Marcos. **Missionaries of Science: The Rockefeller Foundation in Latin America.** Bloomington: Indiana University Press, 1994, p. 194.

CUETO, Marcos. PORTO, Paloma. BATISTA, Ricardo dos Santos. Fundação Rockefeller e Saúde Global: história e historiografia em entrevista com Marcos Cueto. **História: Debates e Tendências**, v. 21, n. 3, p. 210-226, 2021.

FERREIRA, Luiz Otávio; BARRETO, Maria Renilda Nery; SANGLARD, Gisele. (org.). **A interiorização da assistência: um estudo sobre a expansão e a diversificação da assistência à saúde no Brasil (1850-1945).** Belo Horizonte: Editora Fino Traço, 2019, p. 372.

FONSECA, Cristina M. Oliveira. **Saúde no Governo Vargas (1930-1945): dualidade institucional de um bem público.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007, p. 298.

HOCHMAN, Gilberto. **A Era do Saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil.** São Paulo: Hucitec/Anpocs, 1998, p. 261.

HOCHMAN, Gilberto; PAIVA, Carlos Henrique de Assunção. Parasitology and communism: public health and politics in Samuel Barnsley Pessoa's Brazil. In: **Peripheral nerve: health and medicine in Cold War Latin America.** Durham/London: Duke University Press, 2020, p. 376.

KRIGE, John. **How Knowledge Moves. Writing the Transnational History of Science and Technology.** Chicago and London: University of Chicago Press, 2019, p. 408.

MARINHO, Maria Gabriela S. M. C.; BATISTA, Ricardo dos Santos; PORTO, Paloma; NEMI, Ana; CAMPOS, Cristina de. The modernization of medical education in Brazil: Rockefeller Foundation funding and the Ribeirão Preto Medical School in a development context (1951-1964). **Historia Crítica.** Bogotá, n. 93, p. 53–78, 2024.

PALMER, Steven. **Gênese da saúde global: A Fundação Rockefeller no Caribe e na América Latina.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2015, p. 421.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação.** Bauru: EDUSC, 1999.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidad. **Perú indígena**, v. 13, n. 29, p. 11-20, 1992.

RAJ, Kapil. **Relocating modern science. Circulation and the construction of knowledge in South Asia and Europe 1650-1900**. New York: Palgrave MACMILLAN, 2007, p 299.

SILVA, Josiel Menezes da; BATISTA, Ricardo dos Santos. Serviço de Saneamento rural nos “sertões” do Brasil: os postos de profilaxia rural chegam ao Recôncavo da Bahia (1921-1930). In: **História da Saúde: Relações de Gênero, Educação, Personagens e Instituições**. Salvador: Deveres, 2023, p. 265 - 292.

SOUZA, Christiane Maria Cruz. **A gripe espanhola na Bahia: saúde, política e medicina em tempos de epidemia**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009, p. 372.

Recebido em 11/09/2024.

Aprovado para publicação em 22/12/2024.